

A superação da contradição na produção textual

(Contradiction overcoming in text production)

Rezende, Leticia Marcondes¹

¹Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

lm.rezende@terra.com.br

Abstract: The concept of notion is central to A. Culioli's Predicative and Enunciative Operations Theory. Relying on this concept, we will analyze some written textual productions. The concept of notion in these analyses will arise related to the questions of negation, contradiction, alterity and identity construction.

Keywords: *Predicative and Enunciative Operations Theory; notional approach; written expression.*

Resumo: O conceito de "noção" é central para a "Teoria das operações predicativas e enunciativas" de A. Culioli. Tomando por base esse conceito, analisaremos algumas produções textuais escritas. O conceito de noção, nessas análises, aparecerá relacionado às questões de negação, contradição, alteridade e construção de identidade.

Palavras-chave: *Teoria das operações predicativas e enunciativas; abordagem nocional; expressão escrita.*

Introdução

O conceito de "noção" está no âmago da "Teoria das operações predicativas e enunciativas" de A. Culioli. Analisaremos algumas redações de vestibulares cujo tema central desenvolvido era o da "solidariedade". O conceito de noção, nessas análises, aparecerá relacionado às questões de negação, contradição, alteridade e construção de identidade. Em 1, introduzimos o nosso questionamento; em 2, apresentamos uma síntese de nossa análise teórico-prática; em 3, analisamos algumas ocorrências da noção "solidariedade" extraídas dos textos estudados e exploramos os conceitos de "domínio nocional", "ocorrência", "centro atrator e tipo", "fronteira" e "complementar". Em nossa conclusão afirmamos que a superação da contradição leva o aluno a patamares mais altos de sutileza, acuidade perceptiva e expressividade.

1. Superação ou anulação da contradição?

Pensamos que entre a superação e o controle da contradição, por um lado, e a sua anulação, por outro, há duas concepções de metodologia de ensino de língua escrita: a primeira, que implica uma educação de formação na qual a emergência da contradição na redação é fundamental para o processo pedagógico, e a segunda implica um processo de domesticação da expressão, anula a contradição em prol de um texto higienizado e superficial. À primeira vista, isso pode parecer pouco mas se trata de duas concepções de ensino.

Nosso objetivo, nessa pesquisa, foi, por meio de reflexões teóricas e análises de redações escolares, fornecer subsídios para uma gramática de produção de textos. Trabalharemos com o conceito de "domínio nocional" (Culioli, A.1990, 1999a, 1999b)

oferecendo ao mesmo tempo, no texto, explicação teórico-prática. Subdividimos o domínio nocional em: "ocorrência", "centro organizador", "tipo", "atrator", "fronteira" e "complementar".

2. Análise teórico-prática

As redações que estudamos foram retiradas de um corpus que tinha como tema central a questão da "ação solidária", ou da "solidariedade". A noção de causalidade nos direcionou no sentido de procurar forças positivas e negativas que trabalham o interior da noção "solidariedade". A boa redação foi aquela que trabalhou o domínio nocional (ocorrência, centro, tipo, atrator, fronteira) em várias direções: negativa, positiva, e caminhos ponderados entre o positivo e o negativo, gerando nuances que enriquecem o texto, mostram o amadurecimento cultural, a acuidade perceptiva, o autoconhecimento (que evidentemente implica o conhecimento das alteridades envolvidas, e negadas, quer dizer, das opiniões contrárias) e, conseqüentemente, mostram, também, a capacidade expressiva. No centro dessas questões, estão também enfocados o sujeito-autor, a sutileza, o estilo. Por outro lado, a redação que defendeu um único caminho (por exemplo, que apostou ser a solidariedade uma coisa boa e o egoísmo, ruim) tendeu a ser uma redação menos rica, menos nuançada, que revela muito mais a expressão de estereótipos presentes na cultura de massa (televisão, processos educativos formais, tais como a escola, etc) e processos doutrinários (certo e errado) do que uma real apropriação de conteúdos e formas de expressão que necessariamente devem ser singulares, únicos e revelar, o máximo possível, a originalidade de quem escreve.

A nossa pesquisa dialogou com conceitos muito conhecidos de quem trabalha com o ensino de redação, tais como coesão e coerência, que pertencem à Linguística Textual, mas ela fez esse diálogo para questioná-los. Como já defendemos em nosso texto (Rezende, 2006), pensamos que esses conceitos podem ser os critérios de uma avaliação pontual como são os exames de vestibulares, nos quais os alunos têm um pequeno tempo (duas horas) e um pequeno espaço (20 linhas) para mostrar tudo que aprenderam em 12 anos de escolaridade formal sobre expressão escrita, mas não devem ser jamais os critérios que sustentam o processo pedagógico de aprendizado da escrita. E se outro fosse o mundo em que vivêssemos, não deveriam ser os critérios nem mesmo de processos avaliativos, isso porque uma avaliação educacional séria não deveria ser pontual, mas expandida no tempo e no espaço e vinculada a processos de acompanhamento. Essa argumentação se baseia no fato central de que a superação dos paradoxos ou da contradição ou, ainda, a capacidade de deixá-los emergir na expressão e controlá-los são centrais no processo de escrita original e criativo. Os critérios de coesão e coerência são critérios que deveriam aparecer no amadurecimento da expressão escrita como uma conquista e, mesmo assim, sempre provisória.

3. Análise de redações: o domínio nocional

O conceito de domínio nocional, assim como o de noção, está intimamente ligado ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiências de cada indivíduo. Nessa atividade, ocorrem encadeamentos de associações semânticas entre os "feixes" de propriedades - que se organizam umas em relação às outras em função de fatores físicos, culturais e antropológicos.

O que permite distinguir ou relacionar essas propriedades marcadas em diversas relações enunciativas é a criação de um domínio de referência (idéias gerais acerca das coisas em relação às experiências dos indivíduos), o qual assume o estatuto de lugar híbrido, servindo-se ora do cultural, ora do senso comum ou da experiência de mundo para organizar e autenticar as propriedades de seus constituintes. A construção desse domínio é um recurso da categorização de objetos e de fenômenos do mundo. Por isso que os domínios recebem a denominação de "domínios nocionais".

A construção de domínios nocionais é uma propriedade essencial da atividade simbólica. Em nossa relação com a língua e com a cultura, percorremos quadros concretos (extensão de uma noção) em busca de um esquema abstrato que coincida com esses quadros concretos e nos dê as possibilidades de contextualização de uma noção (cenários que possam constituir os vários enunciados provenientes de uma mesma léxis). Para o caso em questão cujas redações tinham como tema "a solidariedade", a léxis seria o predicado insaturado composto de três lugares: <() ser solidariedade>. O parêntese vazio deve ser preenchido por <tudo aquilo que se definir como sendo a solidariedade>. A léxis é uma forma abstrata que está na origem de um conjunto de enunciados que podem ser gerados a partir dela. Costuma-se dizer que os enunciados gerados de uma mesma léxis se encontram em família parafrástica. Desse modo, ao dizermos <solidariedade>, temos uma certa idéia do que seja <solidariedade>, e das propriedades que se relacionam com essa noção, que em princípio é de natureza predicativa. Precisamos percorrer o domínio nocional de <solidariedade> em busca da construção dos valores referenciais.

Exemplos retirados de redações:

1. A solidariedade nem sempre é um ato de puro altruísmo.
2. A solidariedade pode ser fruto da indignação de algumas pessoas com a situação do mundo à sua volta que desejam a melhoria deste para benefício próprio.
3. Solidariedade é se preocupar com o bem estar dos que estão ao seu redor.
4. Solidariedade pode ser também apenas ajudar o outro pelo incômodo que sentem quando envolvidos pela miséria.
5. A solidariedade é incompatível com a competição selvagem que hoje o mundo impõe a todos.
6. A solidariedade não pode conviver com tanta estimulação ao individualismo, pois esse ocasiona o rompimento das relações pessoais e a insensibilização perante os problemas da sociedade.
7. A solidariedade é natural em países como o Brasil onde a miséria em algumas regiões é regra e não exceção.
8. A solidariedade surge do contato direto com a exclusão e por isso nos fragiliza.
9. A solidariedade impede de deixar a situação dos brasileiros pior do que está.
10. A solidariedade de grande parte da população impede a grave situação social do Brasil como a falta de moradia, saúde e alimentação de se tornar um caos.

11. Sem a solidariedade, o individualismo e a indiferença prevaleceriam e a vida no país seria insustentável.
12. A solidariedade é um sentimento que move a sociedade brasileira, por meio de ONGs, campanhas sociais como a do "natal sem fome" ou, até mesmo, doações de particulares.
13. Solidariedade é dar uma ajuda e levar esperanças de uma melhora às famílias carentes.
14. A solidariedade diminui a revolta social, que leva as pessoas a cometerem crimes, deixando a sociedade menos violenta.
15. A solidariedade é a boa vontade do povo, mas os problemas sociais não podem ser resolvidos apenas com a solidariedade, e desse modo, o índice de desenvolvimento do país está longe do ideal.
16. A ação solidária faz parte do serviço que o governo deveria fazer.
17. O governo não faz a sua parte para a situação social não se alterar.
18. A solidariedade às vezes é recusada pelo governo que toma a responsabilidade de resolver os problemas sozinho, o que é impossível e apenas piora a situação.
19. A solidariedade só se manifesta, em países com forte tendência ao individualismo como os Estados Unidos, após desastres como os do dia 11 de setembro ou em épocas de guerra.
20. A solidariedade é essencial no Brasil que não é a primeira potência econômica mundial. Se não fosse ela, o país viveria uma catástrofe mundial.
21. A solidariedade do brasileiro deixa de ser uma consciência social para se tornar, mesmo sem esse propósito, uma questão de sobrevivência.
22. A solidariedade existe porque existe uma diferença entre as pessoas.
23. Há a necessidade da existência da solidariedade porque as pessoas são indiferentes e individualistas.
24. A solidariedade existe quando alguém se sente incomodado com a situação de miséria dos outros.
25. A solidariedade é uma palavra bonita.
26. A solidariedade é a razão da vida de algumas pessoas.
27. Ser solidário é não ser indiferente e individualista.
28. A solidariedade cresce na mesma medida em que crescem a desigualdade social, a miséria, o acúmulo de riquezas geradas pela globalização.
29. A solidariedade existe nos momentos de dificuldades onde todos temem um futuro incerto e se sentem portanto iguais em suas fragilidades.
30. A solidariedade é uma maior humanização das atitudes dos cidadãos: o diálogo entre pessoas desconhecidas.

31. A solidariedade diminui o individualismo e a indiferença e aumenta a tensão em relação às diferenças sócio-econômicas.

Ao dizermos <solidariedade> em oposição a <não solidariedade>, passamos de uma ocorrência singular de solidariedade para outra. Para poder construir o domínio nocional (classe de ocorrência da noção) de solidariedade, foi preciso passar por operações de quantificação e de qualificação, quer dizer, para chegar à ocorrência predominantemente qualitativa é preciso passar por um processo de quantificação ligado à predicação de existência (no qual ocorre a extensão da noção): há uma tal solidariedade de um tal modo; há outra, há outra, etc. Esse agregado de ocorrências leva a um modo de apreensão qualitativo de <solidariedade>.

Todas as ocorrências listadas acima estão em uma distribuição complementar, quer dizer, ao afirmar A <o que é solidariedade>, eu estou construindo A' <o que não é solidariedade>. Por exemplo, ao dizer: <a solidariedade é uma preocupação com o outro>, eu organizo simultaneamente o complementar: <a solidariedade é uma não<não preocupação> com o outro>>, quer dizer, <a solidariedade não é uma despreocupação com o outro>. Mas também, se constitui em A' qualquer ocorrência de 1 a 31, umas em relação às outras. Por exemplo: < solidariedade é se preocupar com os outros> pode ser A' em relação a < solidariedade é incompatível com a competição selvagem> ou vice-versa. Isso porque, em um primeiro momento, eu não tenho condição de dizer o que é A e o que é A', mas posso dizer que todas as ocorrências são A e A' simultaneamente umas em relação às outras. Eu só consigo ordenar o domínio ou discernir quais as ocorrências que estão em um jogo de oposição ou de negação ou ainda de alteridade no momento em que eu construir o próprio domínio nocional, o centro organizador (tipo ou centro atrator), os gradientes, etc. A situação aqui é semelhante ao processo de avaliação de redação: precisamos do todo para hierarquizar ou avaliar as partes e vice-versa.

3.1. Ocorrência

Por ser um bloco semântico possuidor de propriedades, um todo não divisível, a noção precisa passar por uma operação de fragmentação, de individuação que a torna suscetível de ser apreendida, discernida (percebida como uma forma singular em relação ao meio), distinguida (determinada) e situada (possuidora de uma espessura espaço-temporal. Culioli (1999b, p.11) postula que: "uma ocorrência é um acontecimento enunciativo que delimita uma porção espaço/tempo especificada pela propriedade P. Inversamente, a propriedade P está inserida em um texto graças a um jogo de determinações que lhe dá um estatuto de ocorrência [...]" Para que seja possível passar de uma representação mental a uma atividade passível de referência, é necessário que se tenha um pólo que possibilite a construção de uma classe de ocorrências. Em consequência, podemos dizer que um domínio comporta um centro organizador, sem o qual não é possível a regulação subjetiva.

Todas as ocorrências listadas acima são fragmentações da noção <solidariedade> e são classe de ocorrências da noção. Essas ocorrências ao mesmo tempo fragmentam e unificam, pois é por meio da fragmentação, que é de natureza quantitativa, que eu posso descobrir qualitativamente a noção, quer dizer, o bloco semântico não divisível, mas é, simultaneamente, a existência do bloco semântico não divisível (a essência, a qualidade, a intensão) que permite estabelecer os quadros concretos (a quantificação ou a extensão de uma noção, ou ainda a sua fragmentação).

3.2. Centro organizador: tipo e atrator

Cada ocorrência representa propriedades diferenciadas de uma noção, por isso, para que seja possível construir um sistema de referenciação, é necessário organizar a fragmentação da noção em relação a um centro que representa um objeto real ou típico, o qual desempenha o papel de organizador do domínio □ no caso da noção <solidariedade>, o centro tem a propriedade <verdadeiramente solidariedade>. Há duas formas de organização do centro: o "tipo" e o "atrator". O tipo corresponde a uma ocorrência representativa, e o atrator remete a uma representação abstrata e absoluta.

Segundo Culioli (1999b), a construção de uma classe de ocorrências (no nosso caso, uma classe de ocorrências da noção <solidariedade>) precisa passar por um processo de identificação e um processo de diferenciação em relação a um tipo, uma ocorrência representativa que possui um estatuto privilegiado, obtido após a filtragem das propriedades que apareceram nas diversas ocorrências de <() ser solidariedade>, a qual permite distinguir o que é <verdadeiramente solidariedade> (p é o caso) daquilo que <eu não posso chamar de solidariedade> (p não é o caso). Podemos expressar um tipo por meio de valores relativos, como: "isso que eu chamo X", " a idéia que eu faço de X", "uma verdade x para mim" (Culioli, 1999b, p.12).

Já o atrator, de acordo com Culioli (1999b), difere do tipo por estar relacionado à construção de uma origem que não possui outra referência a não ser o próprio predicado, ou seja, a ocorrência só é marcada em relação a ela mesma, tornando-se singularizada ao máximo- como no caso das exclamativas com "que", tal como "Que carro!". O atrator não é um valor relativo como o tipo. Por constituir seu próprio termo de referência, o atrator é uma ocorrência que "se constitui como origem absoluta, e se caracteriza pela impossibilidade de construir um último valor. O atrator não corresponde a um máximo ou um supremo, não é um último ponto: sempre há um ponto além do que se constrói. É um valor definido em relação ao próprio predicado" (Culioli, 1999b. p. 13).

Ao estabelecer um valor absoluto, um grau máximo, o atrator produz uma singularidade que impede o estabelecimento de qualquer tipo de alteridade. No entanto, esse alto grau (o puro, o verdadeiro) também mantém relação com o grau mínimo (o qualquer, o simples,) que, como o valor máximo, constitui bloqueio à alteridade. Segundo Culioli (1999b, p.13): "a permanência qualitativa de uma propriedade pode se fundamentar seja sobre a estabilização, que corresponde ao alcance de seu ponto mais alto, seja sob o fato de que ela se reduz ao que é minimamente constitutivo (elimina-se tudo o que constituiria as variantes singularizantes, é a propriedade em "tudo o que ela tem de mais simples")".

Temos exemplos de centro atrator quando dizemos: "Isso é que é solidariedade!", ou ainda "Quanta solidariedade!", ou ainda: "Para ser solidariedade tem de ser solidariedade mesmo e nada mais". Essas exclamativas e essas tautologias definem o centro atrator a partir do qual as ocorrências serão discernidas, mas é evidente que são as ocorrências que permitem o preenchimento empírico do centro atrator cuja existência é postulada formalmente. O centro atrator pode ser tanto o grau máximo, como o mínimo, pensando na ironia por exemplo. Quando dizemos "Que médico!" tanto pode ser um excelente médico (o primeiro) quanto um péssimo médico (o último). É evidente que há uma distinção entonacional entre a interpretação para o melhor e para o pior. Acontece, com o atrator, o bloqueio à alteridade, porque ele se

constitui em uma singularidade incomparável: ele é muito ruim ou ele é muito bom . É também evidente que, para elaborar o alto grau da noção (para o alto ou para baixo), há necessidade do "tipo" a partir do qual alguma coisa possa ser medida para mais ou para menos. O tipo e o centro atrator permitem a ordenação. As ocorrências em princípio só me oferecem uma série ou uma listagem não ordenada.

3.3. Fronteira

Tomando como base o "centro organizador", é possível estabelecer o que pertence ao interior, com a propriedade "tudo o que se pode chamar de x" . Sendo x igual a <solidariedade>, temos para o interior da noção, levando em consideração a análise das redações: altruísmo, atenção às diferenças entre as pessoas, não individualismo, diálogo, preocupação com o outro, não indiferença, ajuda ao outro, não competição selvagem, sensibilidade aos problemas sociais, etc, e o que pertence ao exterior do domínio nocional, que possui a propriedade "verdadeiramente não x", "vazio da propriedade x", "totalmente outro que x": individualismo, indiferença, competição, insensibilização aos problemas do outro, egoísmo, não ajuda ao outro, etc. Caminhando em direção ao exterior, podemos obter valores gradativos como, por exemplo, "menos x", "quase x", "não verdadeiramente x"- há uma gradação no interior do domínio em direção ao exterior, tais como: a solidariedade "nem sempre" é um ato altruísta; solidariedade pode ser "também" ajudar o outro pelo incômodo que as pessoas sentem quando envoltos pela miséria; a solidariedade não pode conviver com "tanta" estimulação ao individualismo; a solidariedade é "natural" em países, como o Brasil onde a miséria em algumas regiões é regra e não exceção; a solidariedade "só" se manifesta em países com forte tendência ao individualismo como os Estados Unidos após os desastres como os do dia 11 de setembro ou em épocas de guerra; solidariedade é "essencial" no Brasil que não é a primeira potência econômica mundial; a solidariedade do brasileiro "deixa de ser" uma consciência social para se tornar mesmo sem esse propósito uma questão de sobrevivência, etc. No entanto, se falarmos em interior e exterior, devemos considerar também a existência de uma zona intermediária entre as duas anteriores, a qual é denominada "fronteira". Os termos que marcam a fronteira nos exemplos acima são: nem sempre, também, tanta, natural, só, essencial, deixa de ser. Pensamos que talvez as marcas "essencial" e "natural" , diferentemente de "deixar de ser", "tanta", "só", "também" e "nem sempre" conduzam a ocorrência muito mais ao interior da noção <solidariedade> do que à sua fronteira.

A fronteira, para Culioli (1990, p.88-9), pode ser "um limiar ou uma zona de alteração, de transformação" que contém não só a propriedade p, mas também essa mesma propriedade alterada, ou seja, tanto a propriedade "não verdadeiramente x" quanto "não verdadeiramente não x". O estabelecimento de uma fronteira entre os domínios evita a tendência em se restringir a análise do sentido aos pólos A e A' (A/não A) e nos ajuda a ampliar nosso universo de valores, possibilitando a contemplação daquilo que se encontra tanto entre A e A' quanto na gênese da própria construção dos valores polarizados.

Exemplos de fronteira:

1. <A solidariedade é um ato de puro altruísmo> em oposição < a solidariedade nem sempre é um ato de puro altruísmo>ou < a solidariedade é um ato de puro altruísmo> em oposição a < A solidariedade pode ser fruto da indignação de

algumas pessoas com a situação do mundo à sua volta que desejam a melhoria deste para benefício próprio>.

Se o que define <solidariedade>, como vimos pelas ocorrências das propriedades atribuídas à <solidariedade>, é: < se constituir em um ato de ajuda ao outro pelo simples fato de querer ajudar o outro>, quer dizer, é uma tautologia que define <solidariedade>, então, não é ato solidário ajudar <para o benefício próprio>. Em outras palavras: <solidariedade> é ajudar o outro mas não é "qualquer modo" de ajudar o outro, é "um ajudar o outro de um certo modo particular", ou ainda está no cerne de <solidariedade> a ação direcionada ao outro; ela não pode recair sobre quem faz a ação, ela é unidirecional.

2. <A solidariedade é uma palavra bonita> em oposição a < a solidariedade é a razão da vida de algumas pessoas>.

No senso comum, fonte importante, junto com outras fontes, de autenticação de propriedades e de elaboração de domínios nocionais poderíamos dizer que <palavra> se opõe a <ação>, por exemplo, quando dizemos na fala cotidiana: "falar é fácil, fazer é que são elas". Quando saímos do senso comum e vamos a uma teoria lingüística mais elaborada, não podemos separar as palavras das ações, pois falar é um dos modos de agir entre outros. Mas o universo discursivo das redações escolares tem sobretudo o senso comum como fonte de organização dos domínios nocionais, e essa distinção e avaliação das fontes de propriedades a serem autenticadas não têm a menor importância para os nossos propósitos. A oposição está então: entre <solidariedade ser apenas palavra e não ação> e <solidariedade ser ação>.

O exemplo mais ilustrativo do valor de fronteira entre A e A' é: < a solidariedade é um ato de puro altruísmo> e < a solidariedade não é (sempre) um ato de puro altruísmo>. Esses dois enunciados em oposição oferecem-nos a fronteira, pois eles nos fazem caminhar do interior da noção dado pelo termo "puro" ao seu exterior dado pelo termo "nem sempre". A fronteira se aproxima do paradoxo ou da contradição, porque uma coisa é e não é simultaneamente. É no momento em que um texto atinge uma expressão cujo domínio nocional possui uma sutileza, quer dizer A' é muito próximo de A, não é qualquer A', é quase A, a propriedade A está levemente alterada, podemos dizer que essa expressão sai dos estereótipos passados por caminhos doutrinadores (o certo e o errado).

Dessa forma, se continuarmos tratando da noção <solidariedade>, teremos, no centro organizador, uma propriedade "verdadeiramente solidariedade", em relação à qual estabeleceremos "tudo aquilo que se pode chamar de solidariedade" (interior do domínio). Em relação ao centro, mas caminhando em direção ao exterior, poderemos encontrar "gradientes", como "não tão solidariedade", "quase solidariedade", e no exterior desse domínio estará a propriedade "verdadeiramente não solidariedade", "vazio da propriedade solidariedade". Na fronteira entre o interior e o exterior, ou seja, na passagem de um domínio ao outro, teremos propriedades como "não verdadeiramente solidariedade", mas também "não verdadeiramente não solidariedade".

Este último caso também pode ser ilustrado pelo exemplo que já oferecemos. Em outras palavras: <não verdadeiramente não solidariedade> é <ajudar o outro sem ajudar>. Retomemos o raciocínio: 1- solidariedade é igual a ajudar o outro; 2- não solidariedade é não ajudar o outro; 3- mas <não<não solidariedade>> é novamente ajudar o outro; 4- o passo anterior, quer dizer, (3) chegou ao valor positivo <ajudar o

outro>, por meio de (2), quer dizer, chegou ao positivo pelo caminho da negação. Desse modo, <não verdadeiramente não solidariedade> é, então, <ajudar sem ajudar>, ou ainda <a solidariedade que é ao mesmo tempo solidariedade mas também é não solidariedade>, ou ainda: <a solidariedade que tem uma propriedade levemente alterada em relação a <solidariedade>.

3.4. Complementar

A construção da fronteira entre o interior e o exterior de um domínio nocional resulta na criação de uma zona complementar ao domínio p, ou seja, de algo que é diferente do domínio p, "o que não se pode chamar de p". Culioli avalia que, se considerarmos o interior, o complementar será a "fronteira mais o exterior" e, se tomarmos o exterior, o complementar será o interior mais a fronteira. Assim, se tomarmos por base o interior da noção <solidariedade> "verdadeiramente solidariedade", "aquilo que se pode chamar de solidariedade", teremos por complementar tanto a propriedade "não verdadeiramente solidariedade" quanto "verdadeiramente não solidariedade" "tudo o que não se pode chamar de solidariedade". O nosso ponto exterior da noção, o complementar de "verdadeiramente não solidariedade" poderá ser tanto "não verdadeiramente não solidariedade" (ajudar não ajudando, ou ajudar por razões que caem no domínio da não-solidariedade), quanto "verdadeiramente solidariedade" (ajudar o outro por ajudar o outro).

O complementar para Culioli não se reduz ao complementar matemático ou lógico, em que se tem dois valores, sendo um complementar do outro. Não há uma negação já construída que permita estabelecer, definitivamente, o complementar de uma noção. Ele é constantemente "fabricado" pelos enunciadores no momento da enunciação.

Conclusão

O conceito de noção permite acessar os processos de abstração (a linguagem) que sustentam o movimento entre pontos diferentes de uma variação radical de experiência e de expressões lingüísticas cujas existências devem ser defendidas como ponto de partida. As línguas oferecem marcas para realizar esse trabalho de medida (aproximação, distanciamento, remontamento, comparação, avaliação, generalização, particularização). Esse trabalho de medida é a própria linguagem. A noção, com toda a sua plasticidade, é o conceito de base (o signo?) que sustenta uma análise lingüística dinâmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Opérations et représentations. Tome 1. Paris: Ophrys, 1990. 225 p.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Formalisation et opérations de repérage. Tome 2. Paris: Ophrys, 1999 (a). 182 p.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Domaine notionnel. Tome 3. Paris: Ophrys, 1999 (b). 192 p.

REZENDE, L.M. Causalidade, propriedade diferencial e construção de domínios nocionais. *Alfa*, São Paulo, 47-2, p. 21-39, 2003.

_____. Diversidade experiencial e lingüística e o trabalho do professor de língua portuguesa em sala de aula. In: Rezende, L.M. et al. (orgs). *Linguagem e línguas naturais. Diversidades experiencial e lingüística*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2006, p. 11-21.